

Uma abordagem sociocognitiva do texto na construção implícita do referente identificado pelo pronome “ele/eles” em tirinhas de Armandinho

Maria Verônica Monteiro **LIMA***
Janaica Gomes **MATOS****
Mário Junglas **MUNIZ*****

* Mestra em Letras (PPGL-UESPI). Integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Textual TEXTUALE/UESPI. mariavml@aluno.uespi.br

** Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL-UESPI). Membro do Grupo de Pesquisa PROTEXTO/UFC e líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Textual TEXTUALE. janaicagomes@pcs.euspi.br

*** Mestre e doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e vice-líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Textual TEXTUALE. mjunglasm@ufpi.edu.br

Resumo

O trabalho visa a analisar a construção do referente identificado pelo pronome “ele/eles”, sob a influência de sua inserção em uma rede de associações em nível sociocognitivo-discursivo, a partir de um entrelaçamento com outros referentes, em tirinhas do personagem Armandinho, de Alexandre Beck. Para isso, adotamos uma postura interpretativista e sociocognitivista, respaldando-nos em autores da perspectiva da referencialização como Koch (2003, 2018), Koch e Cunha-Lima (2011) e Custódio Filho (2011); apoiamos-nos, especialmente, em Matos (2018), em Cavalcante (2020, 2022), para a abordagem conceitual das redes referenciais. O *corpus* se deu em torno da escolha das tirinhas de Armandinho, veiculadas em diversas redes sociais, obedecendo ao critério de identificação do referente pelo pronome “ele/eles”, sem âncoras explícitas nos textos. Diante do critério relacional das redes, observou-se que a coconstrução indireta do referente nomeado pelo pronome “ele/eles” realiza-se mediante inferências auxiliadas pelo entrelaçar dos referentes, especialmente a partir da memória discursiva, apta a resgatar informações contextuais e relações de intertextualidade presentes nos fatos do cenário político e social, em torno dos quais se inserem as entidades implícitas.

Palavras-chave: redes referenciais; pronomes “ele/eles”; tirinhas de Armandinho.

Uma abordagem sociocognitiva do texto na construção implícita do referente identificado pelo pronome “ele/s” em tirinhas de Armandinho¹

Maria Verônica Monteiro Lima
Janaica Gomes Matos
Mário Junglas Muniz

INTRODUÇÃO

A construção de referentes envolve diferentes fatores, dos cognitivos aos pragmáticos, uma vez que inferir a respeito da identidade do referente, especialmente quando este não se evidencia claramente no cotexto, demanda uma coconstrução sociocognitiva e interativa entre os interlocutores do discurso. A partir disso, o trabalho visa a analisar a manifestação do referente identificado pelo pronome “ele/s”, diante seu entrelaçar em rede com outros referentes, por meio de associações em nível cognitivo-discursivo e pragmático, em tirinhas do personagem Armandinho de Alexandre Beck.

Para refletirmos a respeito de como a rede referencial da tirinha, alinhada à abordagem sociocognitivo-discursiva, ajuda a arquitetar a construção implícita do referente do pronome “ele/s”, respaldamo-nos em Koch (2003, 2018), Koch e Cunha-Lima (2011), dentre outros, para nos referirmos à sociocognição alinhada aos estudos do texto; em Custódio Filho (2011), autor que retrata os avanços da área da referenciação, a incluir aspectos mais amplos em seu escopo de análise, o que torna possível uma análise de objetos de discurso elaborados em rede e sob diversas pistas textuais, inclusive multissemióticas. Assim, em Matos (2018), Cavalcante (2020, 2022), abordamos a referenciação por meio da noção de redes referenciais, a partir das quais um referente pode ser arquitetado em conjunto com outros, de diversas maneiras possíveis, inclusive sem que haja um termo antecedente que lhe forneça uma ancoragem explícita no texto. Nisso se verifica o caso das tirinhas do personagem Armandinho, de Alexandre Beck, que apresentam certas estratégias referenciais expressas por introduções e/ou anáforas, diretas ou indiretas, através do pronome “ele (s)”, sem menção direta de quem seja a entidade representada.

No presente estudo, abordamos breves características da referenciação e seus avanços; em seguida, tecemos explanações a respeito da referenciação por meio da noção das redes referenciais e seus processos; logo após, analisamos as tirinhas de Armandinho, imersas em contextos sociocognitivos de implicitudes, através dos quais conferimos o apelo à memória discursiva, especialmente no que tange às relações de intertextualidade latentes nas redes referenciais de tais tirinhas.

1 Referenciação e seus aspectos sociocognitivos

O termo *referenciação* foi postulado por Mondada (1994), adicionando ao nome “referência” o sufixo que denota a ideia de ação ou processo e atribuindo à referência um caráter mais dinâmico e imprevisível. Desse modo, entende-se que as expressões referenciais às quais se atribui uma entidade, pessoa, processo, evento ou objeto de quem se fala, são construções

¹ Revisado por: Saranh Maria de Sousa Pereira.

desencadeadas no discurso. É por esse viés que a autora propõe, sob o ângulo interpretativista, que os referentes sejam concebidos, por sua vez, como objetos intersubjetivamente construídos no discurso.

Segundo Mondada e Dubois (2003), a referenciação não é mais, como se requeria em uma noção referencialista, a representação da realidade mundana, objetiva; mas é antes de tudo, de acordo com Mondada e Dubois (2003, p. 20), “uma relação entre texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”. Vale frisar que o aspecto não-linguístico ao qual as autoras se referem diz respeito a vastos fatores, nos quais se incluem traços dos contextos sociais, culturais, pragmáticos e cognitivos, para a construção dos sentidos textuais.

Nesse sentido, em uma abordagem sociocognitiva, segundo Koch e Cunha-Lima (2011), a referenciação é um processo dinâmico, além de ser uma atividade colaborativa entre os interlocutores, isto é, uma negociação coconstruída interativamente. Nessa perspectiva, aborda-se que o sentido do texto não é calculado ou depreensível em um universo de objetos de discurso isolados, mas sim situados histórica e socialmente, porém (re)modelados sob nossa atuação intercognitiva sobre o mundo.

Nesse contexto, autores como Marcuschi (2002, p. 31) discutem sobre o quão complexo é esse processo de comunicar e ter a sensação de ser compreendido, uma vez que, nem tudo está explícito no ato comunicativo. Por isso, segundo o autor, “a referenciação é uma atividade criativa e não um simples ato de designação”. Dessa forma, essa criatividade de escolha do referente e, diríamos também, a maneira com o qual ele se associa com os demais em rede, exige um leitor ativo, que relacione não só o que está no cotexto (tema, estilo de linguagem, dentre outros), mas também o que se encontra no nível inferencial, bem como no nível pragmático e discursivo (no que diz respeito ao contexto, não só situacional, mas também o “entorno sócio-histórico-cultural” (Koch, 2018,)) assim como o contexto interacional, já que o contexto se constrói na própria interação dos interlocutores.

De acordo com Cavalcante (2022), a referenciação é a abordagem mais frutífera da Linguística Textual, haja vista que se relaciona com os demais critérios analíticos do texto. Nesse sentido, os referentes emergem por meio do texto, seja ele falado, escrito, imagético, sonoro, dentre outros, de forma interativa e encenada em um circuito comunicativo, onde os atores sociais arquitetam seus projetos de dizer e como devem se reportar ao outro, levando em consideração os aspectos sociais, como crenças e ideologias, bem como aos fatos sociais e midiáticos compartilhados a partir de uma memória discursiva.

Dessa forma, o processamento textual, bem como a referenciação é um processo, sobretudo, cognitivo, que está diretamente interligado aos tipos de memória. Por conseguinte, a memória discursiva é algo essencial de que se valem os sujeitos sociais na interação com certos textos carregados de alto teor de implicitude, como são as tirinhas. Isso porque esse é um tipo de memória que corresponde ao universo de representações que os sujeitos fazem de si mesmos e dos outros, dos temas, dos conhecimentos socioculturais partilhados e das negociações argumentativas que se produzem nas interações, calculadas por percepções advindas das afirmações ditas e não ditas (implícitas), assim como dos fatores contextuais que rodeiam os sentidos. Conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p.153): “As sucessivas etapas dessa representação na memória discursiva se devem, em grande parte, à negociação mediada pelos processos referenciais”. Consoante veremos em nossa análise, pela memória discursiva é possível a reconstrução intencional implícita de certos referentes, uma vez que o interlocutor é capaz de compreendê-los por uma série de representações passíveis de serem suscitadas, e isso se dá, dentre outras coisas, pela integração de referentes em rede, para a construção de sentidos.

Dito isso, frisa-se que lidar com referenciação é ocupar-se com o processamento textual, que para Koch (2003), é um processo estratégico, porque são realizados passos interpretativos. De outro modo, o processamento textual, como assinalam Koch e Cunha-Lima (2011), necessita de

conhecimentos de características textuais, características dos usuários, isto é, de seus objetivos, de seu conhecimento de mundo, dentre os quais o episódico e o enciclopédico. Nesse sentido, o conhecimento compartilhado é essencial, pois é a partir dele que os interlocutores situarão que tipo de informação pode estar explícita ou implícita no texto, bem como qual o gênero textual propício à determinada situação comunicativa e qual a postura dos falantes na interação, a depender do contexto. Logo, conforme a autora, “compreender textos depende sempre, então, de uma grande parcela de conhecimentos partilhados” (Koch; Cunha-Lima, 2011, p. 292).

Vale ressaltar que a mobilização desse conhecimento compartilhado ativado pela memória discursiva, decorre por meio de inferências, ou seja, para se inferir é necessário recorrer a algum processo mental, logo, segundo Koch e Cunha-Lima (2011, p. 39) as inferências são “estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais”.

É neste cenário teórico que se emolduram as tendências de estudos da referenciação, conforme sugere Custódio Filho (2011).

2 Referenciação e sua construção nas redes

Com base nesses pressupostos assumidos, Custódio Filho (2011) descreve em sua tese duas tendências dos estudos referenciais e os perceptíveis avanços da área. Vale frisar que, segundo o autor, as duas formas de analisar a referenciação não são antagônicas e sim complementares uma à outra; logo, o que as difere é o seu foco de análise, precisamente, no que diz respeito a uma maior participação ou não dos elementos não linguísticos na construção da referência.

A primeira tendência da referenciação se propõe a explicar como a construção referencial se dá mantendo-se determinado referente na conjuntura textual, uma vez se considerando a noção de *cadeia* no tratamento das formas e/ou das funções discursivas, em torno da referência a uma mesma entidade, durante a progressão textual. De fato, há uma tendência de cunho mais tradicionalista, de se considerar somente as relações de correferencialidade na formação de elos entre referentes, cujas expressões são consideradas sob a ótica da coesão referencial, manifestada por repetições e substituições nominais, ou ainda, por elipses, segundo a proposta de Koch (1999), baseada no trabalho de Halliday e Hasan (1976). Com isso, evidencia-se uma preocupação de se analisar a correspondência entre as expressões referenciais e seus antecedentes (anáforas) ou subsequentes (catáforas) e a necessidade dessa construção referencial ser confirmada por expressões nominais designadoras do referente, em algum momento do texto.

Já a segunda tendência da referenciação se destina a responder a seguinte questão: “De que maneira vários elementos que participam da configuração textual [...] são acionados para a construção de referentes?” (Custódio Filho, 2011, p. 139).

Ressalta-se que, nessa perspectiva teórica, a construção referencial é mais ampla, podendo ser elaborada de formas diversas, mas também não se limitando ao que é evidenciado explicitamente na tessitura do texto, de modo que tais fatores são pontos a serem frisados neste trabalho, através dos elementos em rede.

De acordo com o autor, a construção das entidades discursivas pode se dar pela multimodalidade, isto é, pela junção de diferentes semioses, como integrantes da materialidade do texto. Para o autor, as diferentes semioses ocupam o mesmo patamar do papel de construtores referenciais. Um dos aspectos enfatizados pelo autor é de não se tratar de averiguar a multimodalidade como um recurso complementar à materialidade verbal, pois tudo faz parte do cotexto (elementos da superfície textual). Logo, a imbricação dos elementos verbais e não verbais colabora para a construção e progressão referencial, promovendo, assim, a coerência textual, de acordo com a consecução dos intentos comunicativos e com os gêneros. Este é o caso do gênero

tirinha, o qual se faz, essencialmente, de elementos multimodais (Ramos, 2022), sendo atualmente veiculado em vários ambientes digitais, como Facebook, Instagram, dentre outros.

Outro ponto importante ressaltado por Custódio Filho (2011) é que a referência não incide apenas sobre elementos correferenciais (que se ligam a um mesmo referente), nem apenas sobre elementos estritamente referenciais, mas se estende a outras pistas de acesso aos sentidos, bem como a elementos contextuais que ultrapassam o cotexto. Portanto, muitas vezes, o referente não se encontra materializado no cotexto, mas apenas sugerido implicitamente ao leitor; este, por sua vez, deve mobilizar as pistas co(n)textuais e coconstruir sociocognitivamente o referente implícito, inclusive pela memória discursiva a respeito de fatos e episódios conhecidos socialmente, conforme vimos.

Assim sendo, destacamos a noção de redes referenciais pleiteada por Matos (2018) sob o ângulo da segunda tendência da referência. Tal noção se define mediante o entrelaçar de sentidos na construção dos referentes, os quais se interconectam, seja pelo cotexto, seja pelo contexto, obtendo-se uma visão mais funcional, em prol do ajustamento dos modos de tessituras de referentes aos diversos tipos de textos e de propósitos argumentativos, não se constituindo como mera correlação coesiva.

Nesse entrelaçamento de sentidos em rede, não cabe mais analisar a construção de referentes individuais, em elos fechados em si mesmos, como em cadeias coesivas. Por isso, evidencia-se que a noção de redes referenciais supera essa visão, na medida em que enfatiza uma visão mais ampla de relacionamentos entre os referentes, inclusive não correferenciais, nos quais um referente tem certo nível de continuidade indireta, pela relação que contrai com outros, podendo acrescentar-lhes sentidos à medida que o texto progride.

Matos (2018) aponta certos traços característicos das redes referenciais os quais nos interessa mencionar. Primeiramente, no cotexto, considera não só as unidades lexicais que pontuam a progressão linear de um referente no texto, como também outras possíveis pistas que possam (re)construí-lo em várias direções multilineares dentro do texto. Destarte, em várias circunstâncias, pode deixar de haver nomeação explícita das entidades na superfície textual, mas por diversas e contingentes relações entre elas no texto, é possível inferir a entidade referida nas entrelinhas.

Por isso, destaca-se a funcionalidade das redes, pela capacidade de se amoldar aos tipos textuais, a depender do propósito comunicativo do produtor textual, para desencadear a coerência do que se diz. Os referentes em rede não se manifestam apenas em relação léxico-semântica, mas, sobretudo, em associações sociocognitivo-discursivas.

A partir disso, observa-se que a construção referencial e sua inferência pelo interlocutor não diz respeito a uma correspondência categórica entre antecedente e anáfora, por exemplo, porque não é só essa relação específica que arquiteta a construção de um referente, e em se tratando de referentes construídos de forma vaga, ou sem antecedentes explícitos, vemos que se torna possível acionar os demais referentes em rede, que juntos podem construí-los inferencialmente, com o auxílio de conhecimentos socialmente compartilhados, pela memória discursiva. Ademais, enfatizamos a transformação (recategorização) desses objetos discursivos no decorrer da progressão textual, pois, segundo Cavalcante e Brito (2016, p. 129), os processos de retomada de referentes serão condicionados ao caráter naturalmente recategorizador, que detém um duplo objetivo “manter os referentes na tessitura do texto e, ao mesmo tempo, fazê-los progredir”.

Neste contexto, descreveremos os processos referenciais a partir da noção de redes referenciais de Matos (2018), na seção vindoura.

3 Processos referenciais em rede

A discussão a respeito dos processos referenciais nesta seção se torna importante, uma vez que, no decorrer das análises, observa-se que o marcador “ele(s)” pode tanto ancorar outros referentes, como pode ser ancorado por outras entidades no decorrer da progressão textual da tirinha. Dito isso, discorreremos sobre os processos estratégicos apresentados por Cavalcante (2022, p. 288), com base em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014): *introdução referencial, anáfora e dêixis*, os quais devem ser examinados sempre em rede”.

- a. A *introdução referencial* ocorre segundo Cavalcante, Custódio-filho e Brito (2014, p. 54), “quando um referente, ou objeto do discurso, ‘estreia’ no texto de alguma maneira”, ou as expressões referenciais manifestam-se na conjuntura textual sem um “gancho” precedente. Vejamos o exemplo abaixo:

Exemplo 1– maconha



Fonte: autoria própria²

Enfatizamos que o objeto discursivo “maconha” compreende, nesse caso de uso, como uma introdução referencial, sob o ponto de vista do cotexto (contexto linguístico), como apontam Cavalcante (2022). Com isso, pode-se compreender que o referente verbal “maconha” estreia no texto sem âncoras precedentes, sendo confirmado a partir do elemento imagético “imagem de uma planta de cor verde na parte superior do primeiro quadrinho”, no entanto, outros leitores podem, no ato de leitura, compreender que o objeto discursivo “maconha” seja introduzido pela expressão verbal “maconha”. Nos próximos quadrinhos da charge, que retomam e acrescentam sentidos ao de “maconha”, observamos outro processo referencial, denominado anáforas.

- b. As *anáforas*, de acordo com Cavalcante (2022), detêm a função de continuidade da referenciação de forma direta ou indireta. Segundo os autores, quando um referente se continua no texto, é inevitável sua transformação (recategorização) na progressão textual, sob vários modos de continuidade.

² Com base em: @desenhosdonando e @brasil_247

b.1 *A anáfora direta* ou correferencial, de acordo com Cavalcante (2022, p. 291), “retoma um mesmo referente, o qual já foi introduzido no texto”, como se verifica no exemplo abaixo:

Exemplo 2 – Ele



Fonte: autoria própria.³

No exemplo 2, observa-se Armandinho em diálogo com seu pai, em que o elemento imagético “pombo” do segundo quadrinho e o marcador “ele” do terceiro quadrinho são anáforas diretas, pois retomam, de forma correferencial, o referente “ele”, brevemente introduzido no cotexto, no primeiro quadrinho. Neste caso, apesar do marcador “ele” introduzir o objeto discursivo de forma verbalmente vaga – fato para o qual chamamos a atenção neste artigo - o referente “ele” possui uma continuidade que tende a explicitar sua identidade anafóricamente. Conta-se ainda com certos elementos, como “pousou na sua cabeça”, “fez cocô no seu cabelo”, que, embora os sinalizemos como porções textuais, e não propriamente como expressões anafóricas pontuais, ajudam a construir a entidade “pombo”. Esta é, de fato, homologada pela imagem, que funciona como anáfora direta do pombo, de acordo com a progressão dos quadrinhos, ainda que o atributo “um sinal de sorte” seja desconfirmado, em consequência da ação do pombo de “fazer cocô” no cabelo do personagem, pai do garoto Armandinho, efetuando-se, assim, sua recategorização por desconfirmção. Tal fenômeno acontece quando certos traços do referente são construídos de maneira contrária ao que se vinha apresentando previamente no texto (Cavalcante, 2022, 2023; Matos, 2018).

Vê-se, logo, que as anáforas verbais e imagéticas são formas de retomada do referente, ao passo que outras unidades não-referenciais e não-anafóricas, como os verbos, podem funcionar como pistas dessa retomada, o que comprova a asserção de Matos (2018) de que é comum que a recategorização do referente não ocorra isoladamente, mas em confluência de fatores e de elementos contribuintes para esse processo.

Por outro lado, veremos que exemplos como o (2), com o uso de “ele”, diferencia-se dos textos de nossa amostra, pelo fato de estes não possuírem certos marcadores ou elementos semióticos de acesso explícito ao referente.

³ Com base em: <https://www.instagram.com/p/Cd9PO1MrZSy/?igsh=Y3h0Z3phZXJmbmd3>

b.2 *A anáfora indireta* ou não correferencial, em conformidade com Cavalcante (2022, p. 293) não retoma um mesmo referente, pois “introduz um outro referente associado indiretamente a outro ou outros já introduzidos no texto”. Essas associações, segundo os autores, podem ser mediante pistas de diferentes naturezas, como as ligações semânticas, ou contextuais, ou por conhecimentos compartilhados na memória.

No exemplo 1, verifica-se que os referentes verbais como “remédios”, “cosméticos”, “roupas”, “calçados”, “construção civil” “fins recreativos”, “cervejinha”, “beque” e repreensão nas “periferias”, e suas respectivas representações imagéticas, articulam-se como anáforas indiretas. Em outros termos, introduzem-se novos objetos discursivos, relacionados indiretamente ao referente-âncora “maconha”. Quando consideramos o efeito de sentido a partir da introdução desses referentes no decorrer da tessitura do texto, observamos recategorizações indiretas por acréscimos ao referente “maconha”. Compreende-se que, a partir do entrelaçar dos referentes em rede, a maconha detém várias funções positivas, segundo a perspectiva do autor da charge; mas no último quadrinho, essa visão é desconfirmada por razões argumentativas, ou melhor, as pessoas que utilizam maconha nas periferias adquirem os estereótipo de “marginais”, “pessoas não socializáveis”, que são alvo de policiais, conforme enfatizado pelos elementos imagéticos “provável policial com cacetete atingindo uma pessoa” e o elemento onomatopeico “pou”. Mais uma vez, o nódulo referencial “maconha” instancia a introdução de um novo referente de acordo com associações já instauradas no contexto, isto é, sob a inferência associativa da “maconha” com “indivíduos à margem da sociedade”.

Essas inferências são reconstruídas com base na memória discursiva, a partir de informações contextuais, uma vez que, no cenário político brasileiro, já foi discutida, no STF (Supremo Tribunal Federal), a regularização do porte de maconha para consumo pessoal, assunto que se tornou polêmico.

b.3. *A anáfora encapsuladora* possui, segundo Cavalcante (2022), uma função que pode ser preenchida por uma expressão com traços de anáfora direta, mas, ao mesmo tempo, de anáfora indireta. Direta porque essa função recupera segmentos do cotexto, ou toda sua extensão textual, atribuindo-lhe um rótulo, ou efetuando uma síntese, seja de modo retrospectivo (segmento anterior textual), seja de modo prospectivo (segmento posterior textual). Ao mesmo tempo, é indireta porque edifica tais segmentos ao *status* de referente, modificando-lhe os sentidos. Atentemos ao exemplo:

Exemplo 3 - consequência



Fonte: autoria própria.⁴

No exemplo 3, as expressões “vingança” e “isso”, com o predicativo de “consequência”, resumem o que a mãe de Armandinho acabara de afirmar: “Enchentes, estiagens, tempestades...se não cuidarmos da natureza, ela se vinga”. Cabe ressaltar que a expressão encapsuladora não só promove em si esse processo de síntese, mas também reorienta argumentativamente toda a porção de texto, na medida em que a recategoriza desconfirmando seu sentido de “vingança” e negociando o sentido de “isso” como uma “consequência”, segundo a fala de Armandinho. Resta salientar que tais rótulos se conectam em rede aos demais referentes e à porção textual retrospectiva, articulando esse efeito de sentido.

- c. *Dêixis*, de acordo com Cavalcante (2022, p. 299), ocorre “quando o objeto de discurso é introduzido ou retomado no texto, pressupondo, necessariamente, o contexto enunciativo perspectivado pela “origo”, ou seja, pelo locutor. Por isso, os dêiticos criam um vínculo entre o cotexto e a situação enunciativa, a partir da criação de um campo dêitico.

Com base em Martins (2019), podemos dizer que a dêixis é um processo híbrido, pois situa o locutor/enunciador e evidencia os objetos discursivos. Esta função soma-se, seja às funções de introdução referencial, seja às de anáfora, por meio de variadas relações espaço-temporais, possuindo como base interpretativa o próprio locutor/enunciador. É preciso levar em conta que a função dêitica não é dada somente pelas expressões dêiticas em si (eu, tu) mas é necessário observar também todas as pistas contextuais, expressas sob diferentes sistemas semióticos. Quando situamos nossas análises no contexto tecnodiscursivo, várias estratégias linguísticas e tecnológicas podem efetivar esse efeito dêitico e cativar os interlocutores à cena enunciativa, segundo Martins (2021). Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo 4 – 333

⁴ Com base em: <https://www.instagram.com/p/C08C4tnMuuK/?igsh=Y2Zub3JwcXJkaGlr>



Fonte: autoria própria.⁵

No caso deste *post*, por exemplo, o produtor textual se institui na pessoa do “eu” e, como ponto de origem enunciativa, utiliza-se do pronome pessoal “você”, interconectado com a expressão “aí mexendo no celular” para interpelar o “tu”, como se o produtor textual estivesse falando face-a-face com o seu interlocutor. Isto se torna uma estratégia argumentativa, em que o uso do dêitico é fundamental para envolver o interlocutor na cena enunciativa e, assim, convencê-lo a realizar a ação tecnolinguageira de digitar o número 333, para então potencializar a sorte de ganhar dinheiro nos próximos dias.

Diante das proposições elencadas nessa seção, assinalamos a seguir quais passos metodológicos enfatizaremos para a análise da construção implícita do referente identificado pelo pronome “ele”.

4 Metodologia

A presente pesquisa se enquadra no escopo teórico da Linguística Textual e segue uma abordagem qualitativa, interpretativista e descritiva dos dados. Quanto aos procedimentos, a pesquisa se delimita como documental, cujo universo amostral se compõe de análises do gênero tirinhas do personagem “Armandinho”, no perfil do autor Alexandre Beck, o qual se encontra em várias redes sociais, dentre elas no Facebook e Instagram. Sublinhamos que as temáticas retratadas nas tirinhas em questão relacionam-se a assuntos resgatados na memória discursiva, de cunho político e social em contexto brasileiro.

Nosso critério de escolha decorre da seleção de tirinhas que apresentem o pronome “ele/s” sem menção de antecedentes ou âncoras explícitas, visto que observamos ser uma recorrência na escrita de Beck, ao se posicionar a respeito de diferentes temáticas por meio do pronome supracitado, como uma das possíveis marcas de gerência implícita na elaboração do referente. Diante disso, elegemos como categorias analíticas os referentes verbais e os imagéticos, que, ao se relacionarem com o pronome “ele/s”, poderiam colaborar para o acesso à construção do referente implicitado, os quais relacionamos aos conhecimentos enciclopédicos, que incluem os fatos sociais e midiáticos veiculados.

A partir disso, nosso procedimento de análise teve como primeiro passo configurar a rede referencial das tirinhas, observando como os pontos de ancoragem dos referentes no texto podem

⁵ Com base em: @lotofacil14pontos2022.

promover relações com o referente implicado, por meio das materialidades semióticas. Como segundo passo, verificamos como essas relações podem implicar na construção implícita da entidade discursiva “ele”, resgatada a partir de conhecimentos prévios, na tirinha de Armandinho.

A constituição das redes referenciais das tirinhas em estudo leva em consideração tantos os elementos verbais quanto os elementos imagéticos relevantes em sua relacionalidade com o marcado “ele/s”. Assim, decidimos descrever os nódulos que compõem a rede por meio das seguintes siglas: E.R.V. para **elementos referenciais verbais**, E.R.I. para **elementos referenciais imagéticos** e E.R.E.M. para **elementos referenciais evocados mentalmente**. Os E.R.V. são os elementos que são explicitados pela semiose verbal, ao passo que os E.R.I. se expressam por formas imagéticas também no cotexto. Já os E.R.E.M. não são revelados diretamente na superfície textual, nem por menções referenciais, nem por meios visuais, pois são evocações mentais ocasionadas pelo contexto. Por sua vez, as setas saem em direção ao elemento em que se ancoram os nódulos na progressão textual, segundo nossa análise do contexto de fala dos personagens, sob o critério enunciativo das relações de ancoragem.

5 Análise da construção do referente “ele/eles” nas tirinhas de Armandinho

Como se observa na tirinha a seguir, o produtor textual, Alexandre Beck, utiliza uma narração em uma sequência dialogal entre os personagens (Armandinho ao falar pelo telefone com o seu interlocutor) com o objetivo de fazer com que o leitor busque observar seu ponto de vista a respeito de alguém ou em relação a algumas pessoas. Vejamos:

Exemplo 5 - anticorpos



Fonte: autoria própria⁶.

De acordo com Cavalcante (2022, p. 232), ao discutirem a sequência dialogal de Adam (2019), em tirinhas como a de Armandinho, percebem que esta é uma “forma poligerida (de diálogo)” verificável nas ações entre personagens, e uma enunciação monogerida, no qual se dá entre locutor/narrador principal e leitor a quem se dirige. Portanto, de acordo com os autores, há uma enunciação poligerida dos personagens dentro de uma enunciação monogerida. Com isso, permite-se subentender que os personagens conheceriam ou identificariam o referente a quem designam como “ele”, por haver uma espécie de simulação de um contexto (anterior) de fala, ao qual os leitores não teriam acesso em sua integralidade.

⁶ Com base em: <https://pt-br.facebook.com/tirasarmandinho/>

Portanto, quando analisamos o aspecto monogerido, compreende-se haver um recorte enunciativo simulado na tirinha, em que o referente identificado por “ele” não se encontra plenamente identificável na leitura, razão pela qual o autor Alexandre Beck “convida” seu leitor a recuperar referentes presentes na memória discursiva.

Há, pois, dois referentes **indiretamente identificados por “eles”** (elíptico **na forma verbal “deixaram”**) e “ele”, de modo que a construção do primeiro (eles) está em estreita relação discursiva com o segundo referente (**ele**). Apesar de haver dois referentes manifestados por pronomes de terceira pessoa, é importante esclarecer que o pronome que analisamos a seguir é o “ele”, sugerido como a figura de “Bolsonaro”.

Vejam os esquemas de conexões explícitas e implícitas entre os referentes verbais, imagéticos (os mais relevantes no contexto) e implícitos, associados ao referente "ele" na tirinha em análise:

produção de anticorpos contra o vírus. Assim sendo, outras informações contextuais se acionam na relação com outros textos, a depender do conhecimento do leitor, como o medo de parte da população em se vacinar, visto que argumentavam que a vacina poderia ocasionar sintomas colaterais, conforme as *fake news* divulgadas em massa, à época. A não vacinação foi polemicamente apontada como algo incentivado pelo próprio presidente Bolsonaro, causando tal relação associativa em rede no texto. Por conseguinte, observa-se que, na tirinha, a coconstrução interativa da acessibilidade do “ele” pelo leitor vislumbra outros textos (intertextualidade), ou seja, o conhecimento compartilhado acerca de tais fatos.

Vejam os a segunda tirinha, que evidencia, por meio da sequência dialogal entre Armandinho e seu pai, o assunto referente à denominada “arquitetura hostil”:

Exemplo 6 - arquitetura hostil

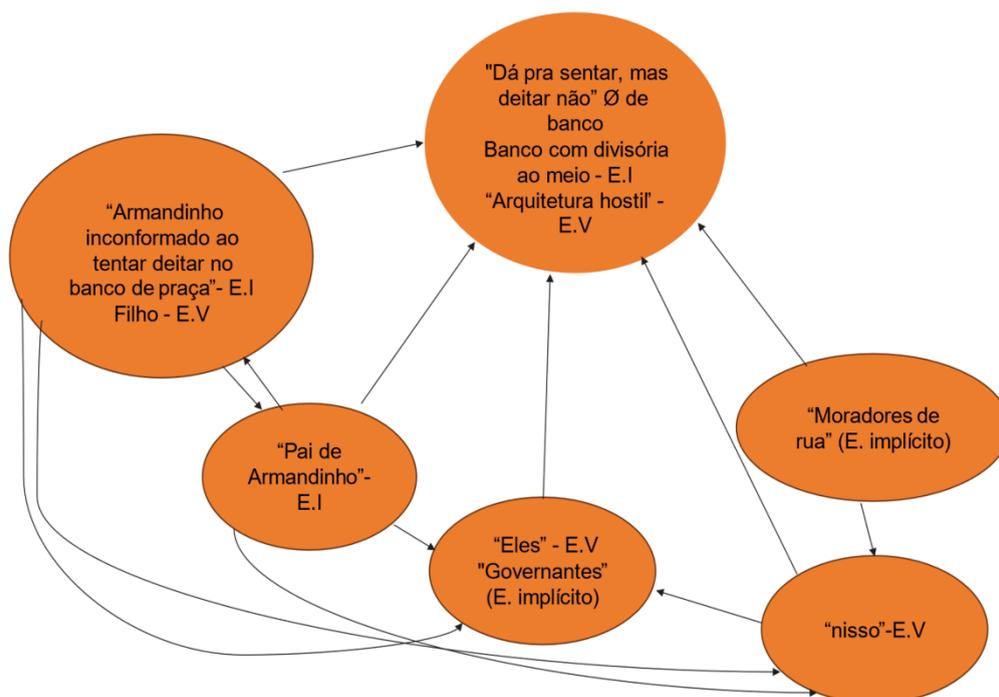


Fonte: autoria própria. ⁷

Como mostra a orientação argumentativa da tirinha, Armandinho e seu pai desaprovam a arquitetura urbana denominada “arquitetura hostil”. Essa concepção é reforçada pela escolha das expressões verbais (“dá pra sentar”; “mas deitar, não”; (eles) “pensaram” nisso?), tal como pela expressão facial de Armandinho de inconformado (no segundo quadrinho), manifestada quando este tenta deitar no banco de praça, porém não obtém sucesso por conta de uma divisória ao meio. Sugerimos, assim, a seguinte representação esquemática das relações explícitas e implícitas entre os referentes verbais, imagéticos e implícitos, com o nódulo “eles”, na progressão textual:

⁷ Com base em: @tirinhadearmandinho

Esquema 2 - rede referencial 2



Fonte: autoria própria

Em resumo das relações de ancoragem, observa-se que o referente “banco de praça” é o objeto discursivo mais proeminente, pois se nota que este atrai os demais referentes, na rede acima. Nessas ligações, interessa esclarecer que o referente implícito “eles” se comporta como uma anáfora indireta na tirinha, portanto, não possui um antecedente direto no cotexto, mas apenas um referente (“banco”) que tece indireta e implicitamente sua ancoragem. Isso é explicável quando se observam as recategorizações do referente “banco”, principalmente, por meio do referente “arquitetura hostil”, possibilitando inferir que existe um agente que administra a construção de bancos de praça e, geralmente, quem faz isso são os governantes municipais, estaduais ou federais, logo, o referente “eles”.

A relacionalidade entre o referente implícito “eles” e os demais nódulos das redes acionam (ou podem acionar), nos leitores, o conhecimento de que muitas pessoas (principalmente moradores de rua) podem utilizar os bancos de praça para dormir. Logo, implica a demanda de uma outra construção implícita, a dos “moradores de rua”. Contudo, para além desse referente, seria possível ainda elencar outros ativados intertextualmente, em decorrência da recategorização de “arquitetura hostil”. É o caso do projeto de lei, conhecido como a lei Padre Júlio Lancelotti, em alusão aos seus trabalhos sociais. Situa-se na memória discursiva a ação do religioso de quebrar, com marretadas, tais “arquiteturas hostis” em viadutos de São Paulo, motivando outras pessoas a fazerem o mesmo em outras cidades.

Ressalta-se também a influência de se fazerem parte da comunidade virtual, “tirinhas de Armandinho”, a nosso ver, os leitores que acompanham as postagens de Alexandre Beck em suas redes sociais, detendo o conhecimento compartilhado acerca dos fatos e das motivações que fazem o autor publicar (geralmente, Beck se posiciona quando o assunto repercute nacionalmente ou internacionalmente). Portanto, o fato de alcançar um público de leitores que acompanham os noticiários, determina, também, muitas vezes, a identificabilidade do referente pelo uso do pronome “ele/s”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, observou-se que as relações de ancoragem em rede teceram inferencialmente a coconstrução interativa do referente identificado como “ele” nas tirinhas. Isso evidencia como a noção relacional das redes é um construto teórico eficaz de explicação na (re)elaboração dos referentes, principalmente, dos implícitos. Dito de outro modo, o que pode ser obtido inferencialmente das relações entre os referentes, com base na memória discursiva, pode recuperar o entorno sociocognitivo e construir uma perspectiva argumentativa a respeito do objeto de discurso a quem os personagens da tirinha de Armandinho se referem no mundo social. Ademais, observa-se, muitas vezes, que a construção de referentes implícitos pode demandar a recorrência a outros textos (intertextualidade), para assim inferir o referente identificado pelo pronome “ele/s”, tal como sugerido nas tirinhas de Armandinho.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *Textos: tipos e protótipos*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: contexto, 2019.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Linguística textual e argumentação*. São Paulo: Pontes, 2020.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Linguística textual, conceitos e aplicações*. São Paulo: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (org.). Estudos do discurso: caminhos e tendências*. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. p. 119-133.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 2011. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivo ao sociocognitivo. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 251-297.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos Juiz de Fora, MG*, v. 6, p. 43-62, 2002.

MARTINS, Mayara Arruda. A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2019.

MARTINS, Mayara Arruda. Dêixis como fenômeno de linguagem. *In: WORKSHOP EM LINGUÍSTICA TEXTUAL*, Evento *Online*, 4., 2021, Fortaleza, CE. *Comunicação oral* [...]. Fortaleza: UFCE-Grupo Protexito, 2021. Canal do Protexito no YouTube. Meet - Videoconferência.

MATOS, Janaica Gomes. *As redes referenciais na construção de notas jornalísticas*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2018.

MONDADA, Lorenza. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours*. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardes Biasi; CIULLA, Alena. Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

RAMOS, Paulo. *A leitura de quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.